

EXPERIÊNCIAS ERÓTICAS, DIFERENÇA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO:

reflexões etnográficas no campo da pegação em João Pessoa (PB) e São Paulo (SP)

Eros Sester¹

Thiago Oliveira²

Resumo:

Com o objetivo de refletir sobre os modos de produção do espaço e estratégias de significação dos modos de viver na cidade empreendidos por diversos agentes, neste trabalho nos propomos a discutir as dinâmicas envolvidas em práticas erótico-afetivas entre homens em lugares conhecidos como “de pegação” a partir de um exercício comparativo entre experiências de pesquisa nas cidades de São Paulo (SP) e João Pessoa (PB). Para fins deste paper, pegação se referirá a uma modalidade de interação que se dá majoritariamente entre homens sem necessário conhecimento prévio entre eles – marcadamente afetiva e sexual, ambientada em espaços estratégicos, muitos dos quais não foram concebidos para dar suporte às práticas que neles são operadas. A partir das especificidades na configuração das relações entre pessoas, lugares e modos de utilização dos equipamentos urbanos, ambos os contextos se mostraram potenciais para a análise de diferentes arranjos do desejo. De modo específico, nesta paper objetivamos entender como em tais contextos são produzidas, interpretadas e negociadas as diferenças a partir de um caráter interseccional de atuação de marcadores sociais da diferença (raça/etnia, idade, gênero, sexualidade, classe, região, etc.). Assim, destacamos a importância de se pensar a produção de espaços/lugares através das diferenças e marcas operadas pela prática de pegação em suas configurações, usos e territorializações admitindo a presença de diferentes agentes no processo de significação desses lugares. Nosso intento, neste paper é, portanto, interpretar a congruência e diferença na ocupação e estilos de (des)territorializações do desejo nos contextos mencionados vislumbrando movimentos de aproximação e distanciamento, fluxos de distribuição de informação e conformação de arranjos semânticos e arquitetônicos que reinterpretam as possibilidades de utilização dos equipamentos públicos.

Palavras-chave: homoerotismos masculinos; etnografias urbanas; produção de cidade; escalas de cidade; sexualidades.

Introdução

O objetivo deste trabalho é refletir sobre as articulações entre experiências eróticas e afetivas e a produção de espaços *da* e *na* cidade a partir de reflexões etnográficas de duas pesquisas que tiveram como propósito discutir o fenômeno da pegação desde uma perspectiva antropológica. Estas pesquisas foram desenvolvidas ambas em contextos urbanos, todavia, em cidade de escalas distintas. Em um primeiro momento, nos debruçamos sobre as

¹ Mestrando em Antropologia – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: eros.sester@gmail.com

² Mestrando em Antropologia – Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: petraios@hotmail.com

experiências de homens na cidade de São Paulo, uma das maiores metrópoles do mundo. A seguir, a experiência dos homens na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, no nordeste do Brasil. Movimentos de aproximação e distanciamento, em ambos os contextos, são característicos do tipo de empreendimento que objetivamos desenvolver: um exercício comparativo. Aqui, a produção de diferenças na cidade, nos corpos, nas pessoas, é a zona de transitividade que nos permite pensar de modo criativo os fluxos e estratégias que organizam a vida das pessoas envolvidas na pesquisa em ambos os contextos.

O ensaio aqui apresentado desenvolve então um exercício de reflexão sobre as experiências eróticas e afetivas de homens pelo circuito da pegação em duas cidades: João Pessoa e São Paulo. Ainda que caracterizadas ambas como contextos metropolitanos, tendo em vista seu potencial de agregador em um movimento de conturbação urbana, as dimensões populacionais, bem como os efeitos daí resultantes em termos de modos de vida e expectativas sobre o que a vida na cidade pode significar, têm implicações diferenciadas.

Uma cidade, vários movimentos: pegação e caçadores em João Pessoa

Fim de tarde em um cinema pornô, na rua Cardoso Vieira, centro de João Pessoa. Estou na área de fumantes conversando com um rapaz. Disse ter 26 anos, era bonito segundo o olhar dos demais rapazes que ali se encontravam. Bermuda simples e estampada, uma camisa sem qualquer estampa; calçava tênis, boné e tinha no pescoço um escapulário prateado. Enquanto conversa, encostado à parede, ele se masturba. Há ali uma mistura de desinteresse e excitação. Sem dúvida está interessado na conversa, mas não saberia dizer se seu maior interesse é o papo ou na ‘presa’. As 18h horas o sino da Igreja das Neves soa as badaladas da missa noturna. Ágil, e de modo quase automático, o rapaz troca as mãos. Masturba-se com a esquerda enquanto faz o sinal da cruz com a direita. Estranho, mas não digo nada. Parece não haver ali qualquer contradição ou constrangimento. Simplesmente, um ritual cotidiano. Eu no meu, ele no dele.

A situação ilustra bem as complexidades e múltiplas camadas de elementos sociais que configuram a dinâmica dos jogos afetivos e eróticos em uma cidade como João Pessoa. O município, com pouco mais de 800 mil pessoas, está localizado na porção leste da região Nordeste e tem uma população predominantemente originária de municípios de regiões afastadas do próprio estado e que nas últimas três décadas começou a migrar para a capital na busca de melhores condições de trabalho e acesso a serviços. Nesses termos, como se pode prever, as primeiras gerações de pessoenses nascidos na cidade é fruto desse movimento, ou

em menor medida, de pessoas de outros estados e que fixaram residência no município, uma realidade cada vez mais frequente nesta última década. A economia da cidade não é muito distinta daquela das demais capitais do Nordeste; há uma grande predominância de atividades comerciais e algumas indústrias nos bairros mais afastados. Atividades como agricultura e cultivo de animais são desenvolvidas, mas pouco frequentes, exceto nas regiões mais afastadas nas direções sul e oeste, onde estão os bairros com os estratos mais pobres da população.

Em João Pessoa “pegação” é a categorial nativa pela qual faz-se referência, principalmente em contextos de homens que se relacionam com homens, a algumas experiências eróticas, em geral estabelecidas de maneira fortuita e efêmera em lugares e através de códigos de interação bastante específicos. É um termo polissêmico, podendo, a depender do interlocutor, dizer muito e simultaneamente nada. É, para todos os fins, um código. Pode-se chamar de pegação qualquer relação de flerte, paquera e namoro entre desconhecidos, como também pode-se chamar assim o local em que essas relações acontecem. Ainda sobre o grau de familiaridade entre as pessoas que frequentam os lugares de pegação, há uma constante recorrência por parte dos interlocutores em afirmar que os parceiros sejam desconhecidos, mas em termos efetivos isso nem sempre é o que se observa. O grau de familiaridade não é uma exigência para os encontros, de modo que com a frequência a determinados lugares, os agentes tornam-se mais ou menos conhecidos e podem desenvolver outras modalidades de interação fora dos ambientes.

Tomando em seu aspecto êmico, a pegação surge como um código na medida em que as práticas descritas pelos colaboradores desta pesquisa como pegação se referem a jogos sinuosos de insinuação e provocação que se estabelecem entre sujeitos que dominam ou se aventuram através de olhares, movimentos e convites – por vezes pouco objetivos. Todos esses elementos são acionados de modo ágil em contexto de interação localizado na interseção entre desejo e criatividade, entre a vontade de fazer e a perspicácia de transformar espaços. São rápidos, efêmeros. Cruzam a geografia e a temporalidade, não as ignorando, mas definindo-as através de experiências corporais instantâneas e que logo se desfazem ou remontam noutros formatos ou veículos.

Tais locais são perpassados por um processo de ressignificação e são “transformados” pelos usos dados pelos agentes. Esse processo é marcado dentro de certos aspectos temporais e interacionais, quer dizer, acontecem em espaços quase sempre fugidios em momentos oportunos ou estabelecidos pela frequência com que encontros com outros sujeitos se faz possível. Além disso, a pegação estende-se de forma nevrálgica pelas regiões da cidade, cria

fluxos de agenciamentos, movimentos de agentes desejantes em deriva, experiência seminômade e plural que burla qualquer tentativa de classificação ortodoxa que determine limites entre público, privado, doméstico, online, off-line, profano, trabalho, masculino, feminino e bicha.

O argumento central desse trabalho é a articulação, não apenas no nível empírico, mas também analítico entre a experiência urbana e a sexualidade, circunscrita aqui ao campo do homoerotismo. Além disso, sugiro que os circuitos que conformam a rede de sociabilidade das pessoas que estão engajadas na dinâmica dos lugares de pagação estão integrados e compõem um sistema aberto de relações. No trânsito pela cidade, bem como através das formas de apropriação e produção do espaço urbano, as pessoas que frequentam os pontos de pegação formam parte em um contínuo processo de invenção da cidade, através das lógicas de redes e territórios que são acionadas. Essas redes e territórios estão presentes não apenas numa dimensão simbólica do urbano, mas de fato na sua construção material, sendo desse modo necessário uma analítica que as considere também como correlatas, ou como produções mútuas. Como lembra Lawrence Knopp:

The city and the social constituting it are most usefully thought of, therefore, as social products in which material forces, the power of ideas and the human desire to ascribe meaning are inseparable (1995, p. 138).

A posição defendida por Knopp assemelha-se tanto à dinâmica das relações aqui estudadas como à proposta de investigação que desenvolvo tendo em vista que considera os múltiplos processos pelos quais marcadores sociais da diferença como gênero, sexualidade, raça, classe e também os desejos estão articulados e sobredeterminam a produção de “lugares”. Essas considerações confluem para a assertiva de Lawrence Knopp no que se refere à forma como cidade e sexualidade compõem um fenômeno coligado, não estando de modo algum separado, ainda que em termos analítico isso tivesse sido feito em alguns momentos, sendo necessário agora devolver às análises as complexidades próprias da questão. Nas palavras dele:

Cities and sexualities both shape and shaped by the dynamics of human social life. They reflects the ways in which social life is organized , the ways in which it is represented, perceived and understood, and the ways in which various groups cope with and react to these conditions (KNOPP: 1995, p.136)

No universo da pegação essa consideração pode ser visualizada através no modo pelo qual através dos trajetos e dos próprios encontros os locais são construídos pelas pessoas ao mesmo tempo em que suas possibilidades de interação, bem como normas próprias de

conduta e etiqueta são oferecidas pelos lugares. Veja-se, por exemplo, as considerações de Pipe sobre porque ir ou não a determinados pontos de pegação.

Thiago: *Ei, tô indo sexta-feira lá no Peixe Elétrico, quer ir comigo?*

Pipe: *Até iria, mas não curto lá. Só tem gente que se acha.*

Thiago: *Oxe, e tem isso? Como assim? Tu já foil á?*

Pipe: *Claro que tem. Dá pra perceber que tipo de gente vai mais ou menos em cada lugar. Tem gente de todo tipo, mas tem mais um tipo que aparece mais.*

Thiago: *E lá é o tipo de gente que se acha?*

Pipe: *Mais ou menos isso. Ali é lugar de gente rica. Os caras de lá são mais bombados e tal, um monte de barbie, tudo branquinho.*

Thiago: *Oxe, homem! E esse não é o teu tipo preferido?*

Pipe: *É, mas o povo lá é metido. Eu gosto mais do Seixas mesmo. É mais tranquilo pra curtir, apesar de perigoso por causa do mato e de ser afastado. Além disso lá tem muita casa de família por perto. Aqui dá pra curtir, interagir. Só não dá pra fazer muita coisa em grupo, mas isso por isso lá também não pode. Eu?! Sair todo sujo de areia...*

O local preferido por Pipe para seus encontros é uma região de mata próximo à praia do Seixas, numa região mais afastada da zona sul da cidade. A paisagem da região favorece, pela inacessibilidade e pela distância da área residencial, o estabelecimento de determinados tipos de prática (sexo oral, penetração, sexo grupal), além de condições higiênicas para fazê-las por vezes impraticáveis em outros espaços (por exemplo, sexo penetrativo é pouco frequente nos banheiros públicos, quase sempre devido ao grande fluxo de pessoas e ao espaço restrito). Além disso, a forma pela qual a interação se dá pode variar também de acordo com as possibilidades do lugar: a conversa quase não existe nos espaços como banheiros e em áreas de vegetação predominante, como o Seixas que Pipe frequenta, ao passo que nos cinemas pornô há mais espaço pras conversa e apreciação do corpo alheio.

A apropriação dos pontos de pegação espalhados pela cidade está condicionada às relações estabelecidas entre os próprios agentes, com o lugar e destes com os demais grupos envolventes. No desenho do trajeto e na tentativa de lhe dar um uso orientado para a possibilidade de paquera e sexo, se faz necessária a adoção de táticas e mecanismos da linguagem verbal e não verbal de modo que se possa construir uma performance inteligível para os demais interessados em estabelecer esse tipo de troca. Saber como portar-se, que tipo de traje vestir e mesmo se sua performance é adequada à performance dos demais são elementos importantes no desenvolvimento dessa economia erótica.

A territorialização implica também no reconhecimento das performances de gênero típicas de cada ponto de pegação. Como diz Pipe, o Seixas é lugar de “barbie”, ou seja, homens com corpos atléticos, quase sempre de ar jovial, mas com conduta afeminada. Tal

performance é construída ainda em relação com outras categorias, como raça (tudo branquinho) e classe (gente rica), sendo manuseada quase sempre de modo distintivo e externo, ou seja, ainda que haja um princípio de apresentação de si, a precariedade da comunicação verbal quase sempre implica em uma leitura das possibilidades de interação através da forma como um agente lê e se identifica com os demais (leituras que se repetem não apenas em atribuição de categorias nativas como ‘macho’, ‘viado’, ‘normal’ ‘negão’, entre outras, como também através de comentários como ‘tem cara de passivo’, ‘fode bem’, ‘pau pequeno’, ‘já fiquei com ele’, ‘sujo’). Esses processos acabam por criar conflitos e tensões nas relações e são demonstrativos do processo de disputa por um poder pautado em uma construção da masculinidade.

No processo de transição de um território para outro, códigos diferentes são acionados, lembrando a noção desenvolvida por Néstor Perlongher de “códigos-território” (2008). A forma de agir e comportar-se são marcados por uma constante negociação ao longo do trânsito. Os referenciais, maneiras de ler os outros e as situações, bem como comportar-se são alterados constantemente, tendo em vista que os pontos de pegação não são ilhas isoladas, mas que ao contrário, estão envolvidos por outros espaços e suas lógicas de utilização.

O trajeto entre a boate e o beco lateral, ou entre o matagal e o ponto de ônibus, por exemplo, requerem do performer a adoção de diferentes códigos que possibilitem o desenvolvimento de uma performance mais adequada ao contexto de uso. Se na boate se permite uma maior flexibilidade do corpo, e através da dança movimentos sinuosos e pouco rijos têm espaço na dinâmica da conquista, ao seguir-se para os becos laterais, o uso do corpo é remodelado para atender a um contexto de maior rigidez e gestos contidos. Os encontros e entrâncias de garagens e portões são acionados como esconderijos e local de comunhão entre caça e caçador, ou de modo mais irônico, entre caçador e caçador que numa relação quase canibal negociam com suas masculinidades quem será servido. A masculinidade aqui é negociada como moeda de troca e encenada de através de atributos performáticos, e em menor medida, físico-anatômicos de modo a conferir a distribuição das posições na hora do sexo.

Os conflitos entre os usos dos espaços são constantes, principalmente em espaços compartilhados com outros grupos com interesses distintos. Nesse sentido, é notória a existência de um processo efetivo de construção e produção do espaço na medida em que ele é manuseado pelos interlocutores. Uma praça como a Praça da Independência, localizada no centro da cidade durante o dia pode servir a vários fins, de acordo com os agentes a partir do qual a análise vá ser desenvolvida: pode ser o local de comércio de bens (floristas, fotógrafos)

ou serviços (prostitutas e lavadores de carros), o lugar de recreação das crianças nos finais de semana, ou de paquera dos adolescentes na saída da escola; pode ainda ser o local de encontro entre homens. Aqui é preciso lembrar a observação do antropólogo Michel Agier a respeito da leitura do espaço urbano em suas situações e redes. Para ele:

O sentido do lugar é condicionado estreitamente pela existência de uma troca simbólica e social da qual é seu suporte. Neste quadro, a questão do espaço físico está bem presente, mas secundária, ou, para usar uma expressão clássica e mais precisa, a simbólica do espaço é ‘sobredeterminada’ pela simbólica das relações sociais que aí se localizam (AGIER: 2011, p. 114).

Esse múltiplo uso do espaço traz consigo um movimento de territorialização, ou nos termos de Magnani (1996) o estabelecimento de pedaços e circuitos nos quais os sujeitos se reconhecem como partilhando determinados interesses e códigos. Todavia, esse processo é conflitante na medida em que os códigos compartilhados, bem como o controle sobre o espaço nem sempre é dado a priori – e mesmo que o seja, é constantemente subvertido. Mais uma vez em diálogo com Lawrence Knopp concordamos com o autor que,

various sexual codings associated with cities are sites of multiple struggles and contradictions, and as such are instrumental in producing, reproducing and transforming the social relations of various kinds (including sexual relations) and space itself (KNOPP: 1995, p.140).

A construção do território, ou, melhor falando, do ponto de pegação é perpassada por uma luta intensa contra valores tradicionais e categorias lidas a partir de lógicas do senso comum (família, propriedade privada, espaço público) e com a própria estrutura física do espaço. Os espaços são improvisados, emergem da precariedade e se definem mais pelos seus usos e frequência do que por qualquer outro fator.

O que se percebe na leitura dessa dinâmica é uma disputa contínua que abarca não apenas as possibilidades criativas de uso dos lugares, como também de delimitação de fluxos de pessoas e interesses. Não raramente ouvi de colaboradores reclamações sobre a presença de pessoas com atributos que destoavam daqueles que se acreditava serem os códigos constituintes do lugar: pessoas mais velhas, que não prezavam por um certo tipo de discrição nos seus modos e forma de abordar os outros, além da aparência ‘de gente pobre’ quando em locais da cidade caracterizados por classes sociais mais altas. Essas disputas são constitutivas do próprio jogo de caça que a pegação constrói. Constituem, por um lado, tentativas de subversão de princípios sociais e espaciais de organização da experiência erótica, mas também são representativos da própria heterogeneidade que compõem tais ambientes. Essas

figuras deslocadas por vezes celebram a própria relação entre prazer e perigo, entre erotismo e transgressão no uso do espaço público no qual a dinâmica da pegação se afirma.

Formas de pegação e convenções de gênero e sexualidade na mediação com o espaço: o caso paulistano

Por suas dimensões, a região metropolitana de São Paulo se oferece singularmente ao/à pesquisador/a, pela quantidade de espaços de pegação a orbitar, de modo geral, fluxos de circulação de massas.

É esperado que um indivíduo singular se torne invisível no meio dos colossais afluxos urbanos de uma cidade como São Paulo. Paradoxalmente, a multidão esconde. Além disso, o ritmo urbano constitui um cenário diário onde os eventos atípicos no meio do caos organizado da cidade são ignorados (SIMMEL, 2005). Nossos interesses aqui, contudo, não recaem sobre a propriedade da multidão de esconder, mas a do *flâneur*, de se camuflar. Isto é, não do *flâneur* que lamenta ter perdido para sempre a chance de cortejar uma dama³, mas daquele que agencia o anonimato propiciado pela multidão a seu favor⁴.

A emergência das ditas “regiões morais” (PARK, 1967) marcadas por interações eróticas e afetivas entre homens relaciona-se a essa condição de anonimato⁵: a invisibilidade relativa agenciada pelo *flâneur* vai encontrar nos becos, portos vazios, banheiros públicos, saunas e cinemas populares, praças, parques e largos as condições ideais para expressão de formas de vínculo “imorais”. Como se a cidade fosse uma “instituição total” em larga escala, os “ajustes secundários” (GOFFMAN, 1974) se processariam a partir desses espaços invisíveis, cuja utilização subverte os usos formalmente atribuídos pelos gestores, urbanistas e demais usuários. As relações estabelecidas através dos espaços, e as capturas operadas nas

³ “A rua em torno era um frenético alarido. / Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa, / Uma mulher passou, com sua mão suntuosa / Erguendo e sacudindo a barra do vestido // Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina. / Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia / No olhar, céu lívido onde aflora a ventania, / A doçura que envolve e o prazer que assassina. // Que luz... e a noite após? – Efêmera beldade / Cujos olhos me fazem nascer outra vez, / Não mais hei de te ver senão na eternidade? // Longe daqui! Tarde demais! nunca talvez! / Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste, / Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!”, BAUDELAIRE, 1985: p.344-345.

⁴ “Se você não quer que eu olhe esse volume, / Ponha uma cueca por debaixo da bermuda. / Eu olhei sim e gostei muito do que eu vi. / Aquele volume todo, debaixo da bermuda. // Aquele volume da sua bermuda! // Aquele volume todo, debaixo da bermuda. / O desejo era bem maior, bem maior que uma simples olhada. / Eu vi, você viu e ninguém notou, só nós dois, foi ótimo que tenha percebido. / Aquele volume da sua bermuda!”, “*Tuff Guy*”, música da banda Teu Pai Já Sabe?, do álbum “*Blasfêmia pouca é bobagem!!!!*”, 2009.

⁵ Vale lembrar que anonimato aqui está sendo utilizado para descrever um expediente onde pessoas não possuem vínculos marcados por (não necessariamente) se conhecerem previamente. As práticas ditas “de pegação” são justamente marcadas pelo estabelecimento de vínculos entre pessoas, ainda que geralmente furtivos. Daí que vejo o anonimato, da maneira que o uso aqui, mais como condição para que a pegação aconteça do que um traço supostamente impessoal das interações. Em outras palavras, não é que o sexo seja *a priori* “impessoal”, mas que a “impessoalidade” seja um processo geral que alimenta as práticas de pegação.

tensões entre diferentes atores (acirradas em contexto de pânico moral⁶), caracterizam esses espaços como “territórios dissidentes”⁷ (TEIXEIRA, 2013).

Contudo, uma série de transformações recentes (em todos os níveis e escalas, para além dos municípios e da Federação) relacionadas à circulação de convenções de gênero e sexualidade, tem gerado um impacto inédito nas últimas décadas na visibilidade de práticas afetivas e eróticas entre homens para além de mundos mais privados. Posto isto, pesquisar as práticas de pegação nos coloca um desafio teórico: a despeito (a) das mudanças processadas ao nível do espaço público no que tange à visibilidade de afeto entre homens, (b) da proliferação e circulação de representações de afeto e erotismo entre homens em meios de comunicação e (c) da conquista, senão de garantias, algum amparo, em âmbito institucional, aos direitos para a população dita LGBTT⁸ por que os locais marcados por uma apropriação consoante com um ambiente hostil às práticas eróticas e sexuais entre homens **permanece** ao longo do espaço urbano público e semi-público? Ou mais, inclusive institucionaliza-se continuamente, tal é caso de saunas, cines pornô e *cruising bars* voltados exclusivamente para um público homo-afetivo-erótico masculino?

Creio que existem duas maneiras de pensar como opera o avanço da visibilidade política em relação à construção e manutenção de espaços agenciados a partir de sua caracterização como invisíveis. Os processos que favorecem o agenciamento de uma visibilidade política impactam desigualmente as condutas através da malha urbana, e não podem ser compreendidos fora das dimensões regional, de classe, escolaridade, raça, geração dentre outras. Isto equivale a dizer que a maneira como uma conquista institucional atinge determinado público, ou como se dá o alcance de determinadas convenções e representações são variáveis e estão em perene negociação, sujeitas a vicissitudes. Tais processos são concomitantes apesar de dialéticos, e se processam de maneira não linear e tampouco homogênea de acordo com as diferentes condições a que estão sujeitos.

Em segundo lugar, a marca das práticas afetivo-eróticas gestadas historicamente por esse expediente de invisibilidade, impacta a produção de subjetividades. Herdeiras da

⁶ As cruzadas morais lideradas pelo delegado Richetti no início da década de 1980 em São Paulo são um exemplo de momento em que se processam tais capturas, logrando, contudo, efeitos ambíguos ao nível da articulação coletiva. Cf. “*São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti*”, TREVISAN, 2010 [1980].

⁷ Estou ciente das limitações trazidas pelo uso da noção de “dissidência”, aceita aqui mais pelo caráter elucidativo do termo do que por uma presumida precisão.

⁸ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, atual denominação dos coletivos relacionados a identidades ligadas a sexualidades desprestigiadas articuladas ao nível político-institucional (FACCHINI & SIMÕES, 2009). Vale lembrar também do surgimento da categoria HSHs (Homens que fazem Sexo com Homens), utilizada no âmbito de políticas públicas voltadas para o combate de doenças sexualmente transmissíveis entre homens que interagem sexualmente entre si - em lugares de pegação, por exemplo. Sobre as disputas em torno da caracterização da categoria, cf. DUQUE & PELÚCIO, 2010.

privatização de formas de agência do desejo, mas também das tecnologias de si operadas na mediação com as “regiões morais” e espaços invisíveis, as coletividades “homossociais” e suas formas de identificação e ocupação dos espaços incorpora e institucionaliza o sexo invisível e “anônimo” como referência nas estratégias de subjetivação e enunciação coletiva⁹.

Há também espaço para se pensar em um desejo que não se quer visível. Ou melhor, um desejo retroalimentado por um duplo mecanismo: é invisível porque assujeitado, isto é, alijado do mundo público; contudo, é possível apenas porque atende aos tensores libidinais (PERLONGHER, 2008) associados aos processos de sujeição.

O cinemão¹⁰ permite pensar nessas hipóteses, mas de maneira matizada. A institucionalização do cinemão, com a liberação do gênero pornográfico nos anos 1980s (VALE, 2000), centraliza formalmente seu uso em uma ideia de estabelecimento voltado para aqueles sujeitos que, de uma forma ou de outra, já se utilizavam dos cinemas populares do centro com o fim de interagir afetiva e sexualmente com outros. O cine pornô acaba deixando de ser apenas entendido como um mero espaço para o desejo subsistir, à medida que o “gueto” (MacRAE, 2005), avança para as ruas e espaços iluminados pelo Sol. Inquilinismo transforma-se em mutualismo¹¹.

Embora a região central seja lembrada como lar cativo de cinemas pornográficos, vários deles fecharam suas portas nos últimos anos. Enquanto um artigo em 2008 se contava vinte e um cines pornôs na região (FABIO et al., 2008), uma dissertação de mestrado em 2013 (GAMBÔA, 2013) já contabilizava quinze estabelecimentos do gênero, isto é, em um período de apenas cinco anos fecharam aproximadamente um em cada quatro cines pornôs do centro.

⁹ “Esse tipo de prática – na qual dois ou mais sujeitos se olham, ou apenas se apalpm, e logo, às vezes sem trocar palavras, se entrelaçam no frenesi dos corpos –, frequente nas redes homossexuais, deriva, em parte, das condições históricas de segregação e clandestinidade tradicionalmente impostas a essas uniões: no corre corre da perseguição, não há tempo a perder em cortejos floridos. Mas essa exuberância sensual dos modernos gays se encaixa também na secreta tradição da orgia, que mina a história oficial, da qual constituiria sua trama subterrânea”, PERLONGHER, 1987a, p.60.

¹⁰ A palavra **cinemão**, designa ao mesmo tempo um lugar – o cinema que realiza projeções de filmes pornográficos, ou simplesmente cine pornô – e uma prática – **fazer cinemão**, engendrar um conjunto de interações a partir de práticas erótico-afetivas entre homens marcadas pelo uso do espaço.

¹¹ Extraio essa metáfora da Ecologia. **Mutualismo** “é uma interação entre duas espécies [biológicas] com benefícios para ambas [em um dado ambiente]. Ele assume diversas formas, mas os parceiros nos mutualismos geralmente suprem recursos complementares ou serviços”, grafado pela notação +/+, isto é, duas espécies beneficiam-se (RICKLEFS, 2010: p.257). No quadro de relações interespecíficas, há também o comensalismo, definido pela relação +/0, onde uma espécie se beneficia, ao passo que a interação mostra-se indiferente para a outra. Tal relação pode ser expressa na forma de **inquilinismo**, ou seja, uma relação onde um inquilino obtém proteção de/em uma espécie (+) sem causar prejuízo à hospedeira (0). A prática de pegação no cinema, assim, passaria de uma relação +/0, onde a apropriação dos espaços invisíveis (+) ocorreria a despeito do uso primário do cinema (0), a uma relação +/+, onde o espaço, então institucionalizado e voltado ao público a que se destina admite as práticas que passam então a ser as esperadas. A manutenção do cinemão e da sua prática passa a ser interdependente e implica em benefício mútuo.

Consideremos um cine pornô no centro da cidade, referência entre os demais atualmente, e remanescente desse quadro. Estaríamos autorizados a dizer que práticas que lá se flagram na relação entre subjetividades, sexualidades e espaços, mimetizam em escala reduzida processos de diferenciação candentes no mundo externo ao cinemão?

Por um lado, a produção de mundos públicos e privados, visíveis ou invisíveis, iluminados ou escuros, reproduz dualismos homólogos. Roberto DaMatta mostra como a oposição “rua” versus “casa”, reinante em algumas zonas urbanas brasileiras, é capaz de se reproduzir dentro do próprio espaço doméstico, existindo espaços mais íntimos e mais públicos dentro da própria “casa” - o que estou chamando de retradução em escala microscópica de dualismos homólogos mais amplos.

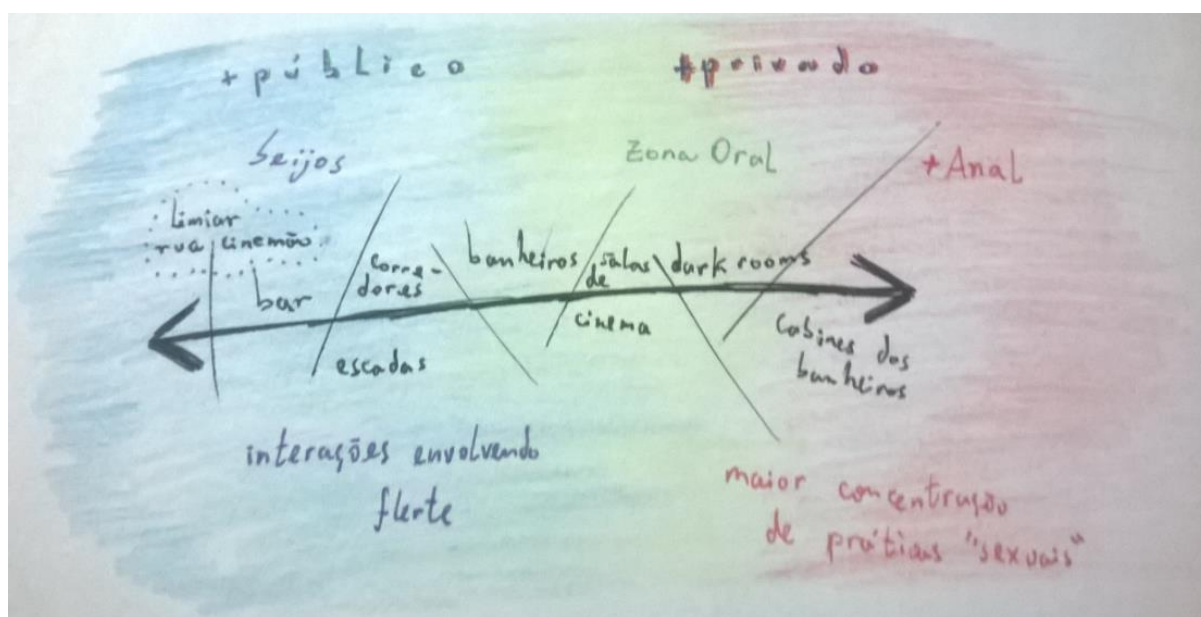


Figura 1. Escala de visibilidade. Como se vê, dentro de um cinemão do centro de São Paulo, as áreas mais escuras menos visíveis e mais silenciosas (espécie de índice das práticas de pegação) tendem a se compatibilizar com conformações relacionadas à frequência de práticas e sua marcação erótica, havendo espaços mais apropriados ao sexo anal do que outros, por exemplo. O polo esquerdo está relacionado à visibilidade e claridade, em oposição ao polo direito, relacionado à invisibilidade e escuridão.

De modo suplementar, vislumbra-se a consonância e retradução em escala microscópica de relações entre convenções amplas associadas a vínculos afetivo-sexuais. Por outro lado, o contexto de saturação sexual que, à semelhança de outros lugares na cidade como banheiros públicos, propicia os encontros marcados pela frequência masculina, deixa vislumbrar um expediente onde a experiencição do corpo na mediação com o espaço é praticada como tecnologia de si.

Decorre daí que a pegação pode ser caracterizada por uma ambivalência;

- Se disséssemos que a pegação oferece condições que favorecem desterritorializações dos desejos e identidades, seríamos forçados a admitir que tal arranjo se dá apenas na observância de processos amplos de visibilização de determinados desejos, práticas e identidades em detrimento de outras;

- Mas também por encerrar em si uma forma de desejo - de maneira parcialmente inquilinista, parcialmente ritualizada - e processar e simular as relações de diferença em uma retradução em pequena escala, o cinemão se oferece ora como contraponto ao mundo público, onde um desejo - então privatizado - pode enfim tornar-se cabível, ora como laboratório, onde diferentes conformações podem ser experimentadas - nunca fora da mediação do espaço ou das referências circulantes atinentes ao desejo.

Resta, também como questão teórica, aventar as implicações colocadas no processo de institucionalização de tais espaços na mediação com o mercado. Que formas de construção dos espaços públicos e privados e expectativas conjuntas acerca de convenções de gênero e sexualidade estão em jogo quando se estabelecem expedientes para as práticas de pegação marcados pelo acesso necessário a uma faixa de renda qualquer? O que se espera encontrar nesse lugares? Que modalidades de publicização e privatização dos desejos operam? Qual o papel das convenções associadas a renda no embate das relações de diferença dentro de espaços cujo acesso está delimitado por um ingresso, que inclusive é atravessado por marcadores de raça, idade e silhueta?

Para pensar os diferentes estilos de apropriação do espaço empreendidos a partir da mediação do mercado, podemos olhar para a forma como se estabelecem vínculos entre pessoas a partir dos usos distintos que fazem de diferentes espaços de pegação, e à forma como tais interações operam dentro do espaço.

Olhemos, por exemplo, para a forma como se estabelecem os vínculos a partir do banheiro da estação Brás da CPTM. A área onde se estabelecem as interações atravessam o lado interno e externo do banheiro. A área externa A1 é uma espécie de hall onde circulam as pessoas entre banheiros masculino e feminino e demais áreas da estação, como plataforma de embarque, quiosques de comida e serviços e saída da estação. A área interna A2 tem zonas bem delimitadas, a área da pia, a área dos mictórios e as cabines. Cada uma dessas zonas é utilizada de maneira consoante a uma exigência que se impõe àqueles que pretendem se engajar nas interações.

Será por coincidência que as áreas internas do banheiro onde os usuários que lá vão com o fim de excretar e se limpar **pausam** (ou estabilizam-se, diminuem o ritmo) sejam as mesmas utilizadas por aqueles que estão engajados nas interações afetivas e sexuais? Alguém

que faz uma pausa em um mictório (a), área próxima às cabines (b), cabine (c) ou pia/espelho (d), pode, respectivamente, urinar (a), esperar vagar uma cabine (b), excretar (c) ou lavar as mãos/arrumar o penteado (d). Pode também lançar mão do ato reiterado de urinar para se masturbar junto com outros homens e dispensar olhares estratégicos (a), fingir esperar a próxima cabine vagar para ter uma visão panorâmica do banheiro (b), lançar mão do expediente de invisibilidade fornecido pela cabine para ter relações sexuais dentro dela ou olhar através dos buracos as pessoas que estão nas cabines laterais (c) e simular preocupação com higiene e estética para flertar com outras pessoas e ter uma visão privilegiada da movimentação (d).

Tais zonas estão concentradas dentro do banheiro, de forma que as pessoas que ocupam os mictórios disponíveis na zona menos visível (verde) tendem a ser compreendidas por aqueles engajados na pegação como tendo expectativas ao uso do espaço diversas às daqueles que ocupam os mictórios da parcela mais próxima à da porta (azul).

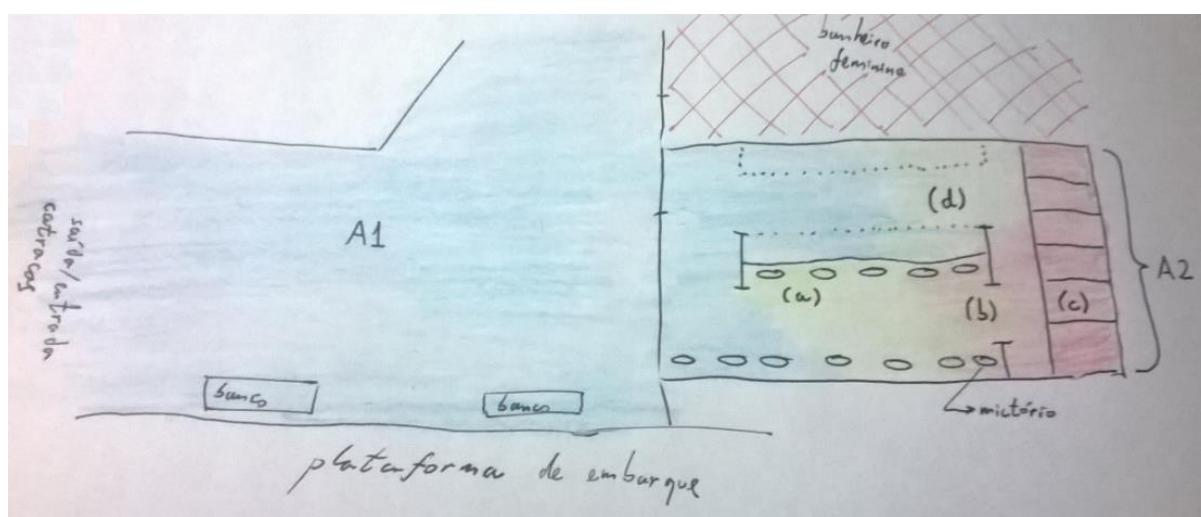


Figura 2. Mapa do banheiro: plataformas de circulação.

Tais expectativas também operam-se através das estratégias de comunicação protagonizadas pelo **olhar**, uma operação que define, avaliando as posturas e formas de estar no espaço, a distinção (contudo, contingencial e a todo tempo atualizada) entre os usuários endógenos à pegação e os exógenos. O reconhecimento de um ator exógeno tende a implicar em maior cautela e necessidade de simular as práticas formais (daí a vantagem de que se valem as pessoas engajadas na pegação no uso de espaços mais “insuspeitos”, como uma fila de espera para acessar uma cabine - b). Admitir mais um ator endógeno dentro das interações estabelece um arranjo que envolve cumplicidade: mais uma pessoa ingressa no furtivo mercado de desejos lá estabelecido.

Todas essas características, uma forma de olhar - um olhar que busca - e um protocolo de uso particular do espaço têm completa relação com o fato de que o banheiro é inteiramente público¹², isto é, o olhar e a permanência indicam disposição ao engajamento em interações erótico-afetivas, ao passo que a utilização de plataformas específicas para a permanência e atenção aos atores exógenos à pegação, admite a possibilidade de reprimendas e retaliações em função dessas práticas que se pleiteiam invisíveis violarem regras morais e normas legais de conduta.



Figura 3. Adesivo afixado entre espelhos. Um aviso aos usuários do banheiro masculino.

Portanto, a experiência no cinemão não é precisamente a mesma em um banheiro público; a forma de olhar, circular e apreender não é a mesma em ambos os espaços. O primeiro produz uma atmosfera de segurança institucional para as práticas, impactando na duração e intensidade das mesmas. O mercado, com efeito, opera, enquanto mediador, diferenciações na produção de estilos de ocupação do espaço e formas de pegação.

Poderíamos perguntar se alguém que vai a um banheiro urinar e outro alguém que faz pegação no mesmo banheiro estão vivendo os mesmos espaços, já que a forma como o apreendem está marcada por sentidos diversos¹³. Olhar, andar e apreender não seriam experiências partilhadas da mesma forma por todos aqueles que visitam o banheiro da estação Brás, enfim.

¹² Quem o está dizendo não são os interlocutores, mas seus gestos.

¹³ Não interessa saber aqui o que as pessoas “percebem, mas em **como** elas percebem” (grifo meu), não sendo possível “identificar variações culturais com visões de mundo alternativas, como se todos percebessem seus entornos da mesma forma (visualmente, vendo-o), mas vissem coisas diferentes por conta de seus diferentes modos de organizar informações perceptivas em representações”, INGOLD, 2008: p.8.

Concluindo, parti da ideia de que práticas de pegação derivam não apenas de um processo de sujeição que alijou - e alija - historicamente algumas práticas marcadamente afetivas e sexuais dos mundos mais públicos, como de condições específicas espaciais e arquiteturas que, por “demandar certa relação entre o sujeito masculino e seu corpo”, caracterizam-nas como tecnologia de si (EDELMAN, 2011: p.256). Daí deriva um caráter inquilinista, que marca não só esse duplo processo de sujeição-agenciamento, como os traços ligados aos coletivos “homossociais” identificáveis como tais.

O movimento ambíguo que traz visibilidade ao espaço público, é paradoxalmente aquele capaz de assegurar uma série de estabelecimentos voltados para encontros entre homens (o que indico ser a sobreposição do mutualismo sobre inquilinismo).

Ao analisar o cinemão, vê-se como as implicações do movimento dialético de sujeição-agenciamento opera na retradução de dualismos homólogos. Com efeito, é fácil ver como o cinemão traduz o mundo externo, num movimento de fora para dentro. Difícil é enxergar, apesar da romantização recorrentemente atribuída à pegação como prática subversiva, como ela pode ser capaz transformar o mundo de dentro para fora.

No caso do banheiro, vê-se como os gestos, movimentos e interações estão relacionados com a presença de atores exógenos. O mercado opera uma diferença entre dois estilos de pegação: uma forma de apropriação do espaço, que chamei de mutualismo, e está associada à segurança institucional - de um cinemão, por exemplo -, e uma segunda, inquilinista, já que o banheiro masculino não pode formal e nominalmente livrar-se das funções para as quais é gerido e, portanto, dos usuários que o frequentam para fins outros.

Considerações Finais

A experiência do desejo tal como argumentada nesse trabalho é também uma experiência de produção do espaço. Aclaramos que o espaço aqui não é um lócus vazio a ser preenchido, mas uma produção relacional, que se faz na e através das interações. Como apontado nas situações etnográficas acima delineadas, espaços e lugares constituem também processos de produção, enfrentamento e reconhecimento da diferença. A diferença aqui é entendida como não apenas uma marcação do limite, do dentro e do fora, mas também como interface de contato e encontro. Os efeitos desse encontro são os mais diversos. De tal maneira, comparar experiências eróticas de homens em dois contextos de escalas distintas deve ser visto não somente como um exercício de sugestão de especificidades, mas também de continuidades e similitudes que agenciam essa experiência no limite de uma certa

linguagem. Essa linguagem é iminentemente corporal, consoante qualquer experiência de comunicação é iminentemente corporal, como lembra Csordas (2008).

Movimentos contrastantes sinalizam não apenas para os números e marcadores populacionais (São Paulo tem mais de onze milhões de habitantes no conturbado urbano, enquanto João Pessoa não chega sequer a 10% desse total, totalizando uma população de pouco mais de 800 mil habitantes no censo de 2012), mas também trajetórias de vida e pela cidade – cruzando espaço e tempo-, os modos de apreensão e significação da experiência na cidade. De forma semelhante, entrevistamos também movimentos de aproximação e semelhança nas dinâmicas de negociação dos desejos em exercício. Os agentes em ambos os contextos operam uma maquinaria erótica onde o desejo se manifesta sobre valências, intensidades, movimentos e direções variadas, reinventando através de exercícios plásticos os materiais que constituem sua própria experiência de/na cidade.

Referencial Bibliográfico

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimento*. Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Terceiro nome, 2011.

BAUDELAIRE, Charles. “A uma passante”. In: *As Flores do Mal*. 5ª edição. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CSORDAS, Thomas. *Corpo|significado|cura*. Porto Alegre: editora UFRGS, 2008.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua - Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DUQUE, Tiago & PELÚCIO, Larissa. “*Homossexualidades, estigmas e o discurso preventivo às DST/AIDS no Brasil ou Como os gays deixaram de ser homens que fazem sexo com homens*”. Fazendo Gênero 9, Santa Catarina, 2010

EDELMAN, Lee. “*Banheiro dos homens*”. In: GATTI, José & PENTEADO, Fernando (orgs.) *Masculinidades – teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das letras e das cores, 2011.

FABIO, Cleber, FRANÇA, Danilo, ROSA, Alexandre & VALLERINI, Anderson. “Cinemas pornô da cidade de São Paulo”. *Revista Ponto Urbe*, Ano 2, 2008.

FACCHINI, Regina & SIMÕES, Julio. *Na trilha do arco-íris – Do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

GAMBÔA, Ricardo. *De prazeres e perigos: abordagem etnográfica dos roteiros eróticos de homens que fazem sexo com homens e desafios à prevenção do HIV na região central da cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. São Paulo, 2013.

- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- INGOLD, Tim. “Pare, Olhe, Escute! Visão, audição e movimento humano”. Ponto Urbe, Ano 3, 2008.
- MacRAE, Edward. “Em defesa do gueto”. In: GREEN, James & TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2005a.
- KNOPP, Lawrence. Sexualities and urban space: a framework for analysis. In: BELL, David; VALENTINE, Gill. *Mapping Desires: geographies of sexualities*. Londres: Routledge, 1995.
- SIMMEL, Georg. “As grandes cidades e a vida do espírito”. Revista Mana, n.11 (2), 2005.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (Org.). *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP / FAPESP, 1996.
- PARK, Robert. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.
- , Néstor. *O que é AIDS*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. **O Negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.
- RICKLEFS, Robert. *A Economia da Natureza*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.
- TEIXEIRA, Marcelo. Presença incômoda: os corpos dissidentes na cidade modernista. Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília em 2013. Brasília, 2013.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- VALE, Alexandre. *No escurinho do cinema: Cenas de um público implícito*. São Paulo; Fortaleza: Annablume; Secretaria de cultura e desporto do estado do Ceará, 2000.